

PENSAR ARTE PARA CONSTRUIR ESPAÇOS DE CUIDADO: CAMINHOS E POSSIBILIDADES PARA UMA ARTETERAPIA INSTITUCIONAL

RAI LEON SOUZA DE LIMA¹; BIANCA DE OLIVEIRA CAVENAGHI²; TEILA
CEOLIN³; DIANA CECAGNO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – raileonsouza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bianca.cavenaghi02@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – teila.ceolin@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – cecagnod@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A arteterapia desponta como uma abordagem para a promoção de reflexão, saúde e autonomia em ambientes universitários. Desde 2017, por meio da Portaria nº 817, a arteterapia integra a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2017).

Na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a criação de um grupo de arteterapia para estudantes de graduação, ofertada pelo Projeto de Extensão (PE) "Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde" (PIC-RAS), da Faculdade de Enfermagem, gerou reflexões acerca do potencial dessa prática no contexto acadêmico.

Sob a ótica da psicologia social, a arte pode ser compreendida como um espaço de mediação entre o indivíduo e o coletivo (TYSZLER, 2007), permitindo a expressão e a ressignificação de experiências em contextos sociais mais amplos (MECCA; CASTRO, 2008). Ainda, o trabalho de CID e MATSUKARA (2014) sobre assistência ambulatorial em saúde mental reforça a importância da articulação entre saúde e educação como estratégia essencial para o bem-estar estudantil.

Nesse sentido, em contextos institucionais, a arteterapia contribui para a coesão social e o desenvolvimento de habilidades interpessoais (REIS, 2014), uma vez que a arte atua como uma ferramenta para conectar as pessoas, promover a compreensão mútua e facilitar a comunicação em ambientes diversos como universidades.

O objetivo deste estudo é relatar as reflexões geradas a partir da oferta de uma ação extensionista, com um grupo de arteterapia para estudantes de graduação na Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre a criação e condução de um grupo de arteterapia ofertado a estudantes de graduação da Universidade Federal de Pelotas. O grupo integrou a ação "Arteterapia" ofertada pelo Projeto de Extensão (PE) "Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde" (PIC-RAS), da Faculdade de Enfermagem (FE), UFPel.

O Projeto de Extensão PIC-RAS, iniciado em 2017 por docentes da FE, tem como objetivo disponibilizar as práticas integrativas e complementares na rede de saúde e contribuir para sua implementação, beneficiando tanto a população local, quanto o ambiente acadêmico e os profissionais da saúde.

O grupo de arteterapia teve encontros quinzenais, que ocorreram entre março e setembro de 2024, realizados em um espaço laboratorial adaptado como

ateliê terapêutico, sob a orientação de profissional de arteterapia voluntária, e uma monitora, bolsista do PE. Cabe destacar que devido às chuvas e às enchentes houve um período maior de intervalo entre os primeiros encontros, impossibilitando a ideia inicial de ocorrerem quinzenalmente. No total, ocorreram oito encontros, com aproximadamente duas horas de duração cada. Os materiais utilizados pelo grupo foram adquiridos pela arteterapeuta voluntária e pela professora coordenadora do PE PIC-RAS.

Nesse ambiente, as pessoas participantes foram incentivadas a expressar suas vivências através de diversas linguagens artísticas, como pintura, desenho e modelagem, em um contexto voltado para a autoexpressão e o acolhimento das demandas que surgiam. Os disparadores eram diferentes para cada encontro, podendo ser utilizado músicas e perguntas que guiavam a reflexão das pessoas participantes durante o processo artístico em cada materialidade.

Este estudo utiliza a experiência do grupo de arteterapia como sua principal referência, complementada por uma revisão da literatura (CASTRO *et al.*, 2011; NACHMANOVITCH, 1993; OSTROWER, 2014; PHILIPPINI, 2013; SILVEIRA, 1992). Os relatos e percepções das pessoas participantes, juntamente com as observações da equipe de condução, foram fundamentais para compreender os benefícios e desafios da arteterapia no contexto universitário.

A fundamentação metodológica dos encontros também se apoia em pesquisas sobre a implementação da arteterapia em instituições educacionais, como o estudo de Reis (2014), que discute a relevância de espaços terapêuticos na promoção da saúde mental no ambiente acadêmico.

O ambiente terapêutico teve como foco o acolhimento e a segurança emocional das pessoas participantes, sem qualquer relação com atividades acadêmicas de ensino, pesquisa ou avaliação. Isso permitiu que se sentissem à vontade para explorar suas emoções e experiências pessoais por meio das práticas artísticas, sem receio de julgamentos. A condução do grupo seguiu os princípios de escuta ativa e promoção do bem-estar emocional, com o objetivo de fomentar a autonomia individual por meio da expressão artística (SOUZA *et al.*, 2018). A cada encontro foram realizados registros das observações e relatos dos participantes em um diário de campo pela monitora, com objetivo de acompanhamento, evolução e avaliação.

A avaliação das atividades psicossociais foi realizada por meio de observação e relatos qualitativos, alinhando-se a uma abordagem reflexiva que valoriza o processo de aprendizado e desenvolvimento pessoal, conforme destacado nas diretrizes da arteterapia (SOUZA *et al.*, 2018).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A experiência com o grupo de arteterapia na UFPel revelou impactos significativos. Entre os benefícios relatados, destacaram-se a melhora na disposição, o aumento da autoestima e o aprimoramento da capacidade de autorregulação emocional. Além disso, as pessoas participantes mencionaram uma conexão mais profunda com o próprio corpo e suas necessidades, bem como uma maior sensação de pertencimento e fortalecimento dos vínculos sociais. Esses resultados corroboram os achados de estudos mencionados anteriormente, que demonstram o potencial da arteterapia para promover a saúde mental e o bem-estar em ambientes universitários.

A experiência também revelou demandas específicas de discentes, que poderiam ser direcionadas a serviços da universidade, como psicologia, nutrição e

assistência estudantil. Através da expressão artística, foi possível identificar tanto necessidades individuais, quanto coletivas de demanda social. Embora os benefícios da arteterapia no apoio psíquico e na expressão das vivências acadêmicas sejam evidentes, a institucionalização dessa prática terapêutica tem potencial de se tornar um canal para encaminhamento de demandas aos setores adequados da universidade.

Por meio do grupo terapêutico, seria possível o encaminhamento de discentes para os setores apropriados da Universidade, de acordo com as questões que se apresentem, tornando a arteterapia uma prática institucionalizada e integrada aos serviços de apoio ao bem-estar estudantil.

Busca-se destacar os possíveis benefícios de se expandir a arteterapia como uma prática institucionalizada na universidade (DALMOLIN *et al.*, 2019) traçando paralelos com a abordagem integral da saúde da família, que também enfoca o indivíduo em seu contexto social e comunitário (SILVEIRA *et al.*, 2004).

Ao vislumbrar que a arteterapia seja formalmente integrada às práticas institucionais, espera-se que seu impacto se expanda, beneficiando não apenas os grupos diretamente envolvidos, mas também contribuindo para a construção de uma cultura universitária que valorize a saúde física e mental. Além disso, a iniciativa poderia oferecer às pessoas participantes um espaço de desenvolvimento pessoal, incentivando o cuidado interpessoal e a capacidade de articular suas próprias necessidades, além de proporcionar um ambiente inclusivo e acessível para a integração comunitária da universidade.

4. CONSIDERAÇÕES

A experiência do grupo de arteterapia com discentes na UFPel pode ser expandida e institucionalizada, oferecendo um recurso humanizado e terapêutico para a promoção da saúde mental e do bem-estar geral. A arteterapia institucional tem o potencial de proporcionar uma visão horizontalizada e abrangente sobre as diversas necessidades estudantis, tanto emocionais, quanto de desenvolvimento pessoal, reforçando a prática de uma abordagem integral centrada no indivíduo em seu contexto social.

Espera-se que este trabalho possa reforçar a importância da criação de espaços terapêuticos e de apoio nas universidades, promovendo um ambiente acadêmico mais saudável, acolhedor e atento às demandas específicas da comunidade universitária, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e do desempenho acadêmico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 849, de 27 de março de 2017**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

CASTRO, E. D. D.; SAITO, C. M.; DRUMOND, F. V. F.; LIMA, L. J. C. D. Ateliês de corpo e arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 254-262, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i3p254-262>.

CID, M. F. B.; MATSUKURA, T. S. Problemas de saúde mental em escolares e seus responsáveis: um estudo de prevalência. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 1-10, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v25i1p1-10>.

DALMOLIN, I. S.; HEIDEMANN, I. T. S. B.; FREITAG, V. L. Integrative and complementary practices in the unified health system: unveiling potentials and limitations. **Texto & Contexto Enfermagem**, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-32832008000200012>.

MECCA, R. C.; CASTRO, E. D. D. Experiência estética e cotidiano institucional: novos mapas para subjetivar espaços destinados à saúde mental. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 25, p. 377-386, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-32832008000200012>.

NACHMANOVITCH, S. **Ser criativo**: o poder da improvisação na vida e na arte. Tradução: Eliane Rocha. São Paulo: Summus, 1993.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PHILIPPINI, A. (org.). **Arteterapia**: métodos, projetos e processos. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

REIS, A. C. D. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-98932014000100011>.

SILVEIRA, M. D. F. D. A.; FÉLIX, L. G.; ARAÚJO, D. V. D.; SILVA, I. C. D. Acolhimento no programa saúde da família: um caminho para humanização da atenção à saúde. **Cogitare Enfermagem**, v. 9, n. 1, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/ce.v9i1.1707>.

SILVEIRA, N. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, V. L. T. D.; DUGNANI, L. A. C.; REIS, E. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 35, n. 4, p. 375-388, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400005>.

TYSZLER, M. Mudança social: uma arte? Empreendimentos sociais que utilizam a arte como forma de mudança. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 6, p. 1017-1034, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-76122007000600002>.